

CENTRO DE CULTURA NEGRA DO MARANHÃO

**Silvia Cristina Costa Leite
Do Centro de Cultura Negra
do Maranhão**

Para iniciar, relatarei alguns fatos que mostrarão as experiências vivenciadas pelo Centro de Cultura Negra do Maranhão. Em 19 de setembro de 1978, foi criado o primeiro grupo a se preocupar, em termos políticos, com a questão racial numa cidade em que 90% da população é negra. O grupo era formado por profissionais liberais, estudiosos, universitários. Em 1979, foi criado oficialmente, o Centro de Cultura Negra do Maranhão — CCN, com a aprovação e publicação do estatuto no Diário Oficial, passando, então, a entidade e ter personalidade jurídica. Em 1980, assumiu a sua primeira diretoria, cuja linha de ação se pautava por uma perspectiva social, política, cultural e educacional. Ainda em 1980, o Centro promoveu a I Semana do Negro, no período de 13 a 19 de maio. Em 1981, foi realizada a II Semana do Negro tendo como tema central a educação e a escola, ocasião em que se questionou a transmissão da educação, da cultura e a socialização da população negra. Em 1982, o alvo prioritário das discussões do CCN giraram em torno do tema educação e escola na reprodução do racismo, preocupação colocada pela militante e professora do curso de Pedagogia-UFMa., Cármen Lúcia Vargas Souza (1983).

Estudos sistemáticos — leituras, pesquisas de opinião nas escolas, palestras, debates, foram sendo efetuados em busca de uma *opção pedagógica* dian-

te da estrutura educacional — teórica e prática — vigente. Como resultado deste trabalho, conseguimos captar o pensamento de alunos e professores da rede de ensino público e particular a respeito da questão racial e que se configuraram em afirmações como estas:

- “no Brasil não há racismo”;
- “não existe a questão racial”;
- “não há pretos, somos todos misturados”;
- “o negro é mais resistente aos trabalhos pesados”;
- “Pelé faz sucesso sendo negro”;
- “muitos negros não gostam de outros negros”;
- “muitos negros são vagabundos”;
- “negros foram feitos para o samba e para o futebol”.

A partir destas questões, o grupo da área educacional do CCN elaborou um artigo para discussão, artigo este que foi inclusive publicado na revista *Estudos Afro-Asiáticos*, do qual reproduzirei um trecho que considero importante: “Nos trabalhos teóricos mais recentes no campo da educação (Saviani-Gadotti e outros), buscamos reter a importância de furar esse bloqueio a partir de uma visão dialética da educação e da escola. Sendo a escola um instrumento de hegemonia, é preciso utilizá-la articulando-a com as forças efetivas da sociedade, isto é com os movimentos sociais que caminham em direção à transformação da sociedade, pois só assim a escola poderá desenvolver um papel que contribua para a mudança social e à proporção que discuta questões essenciais e concretas que marcam a vida dos indivíduos (...). Uma opção pedagógica como *instrumento de militância e de combate ao racismo e suas práticas* e, como forma de conscientização da população negra e não-negra das questões que envolvem o negro na sociedade brasileira o CCN fez uma sistemática reflexão (que continua sendo desenvolvida e que dá origem a um estudo mais amplo) sobre a educação e suas variadas formas — familiar, escolar e formal —; concentrando-se na educação escolar e nos papéis que ela e seus agentes desempenham no conjunto da sociedade (...). Essa tomada de posição decorre, sobretudo, do papel da escola e dos educadores na transmissão ideológica em geral e, em particular, no que diz respeito a questão do negro, pois nunca é demais frisar que é na escola onde se verifica o reforço de um conjunto de *idéias racistas* ao mesmo tempo em que se reafirma a perda da identidade do negro pela ideologia do embranquecimento e se omite o seu papel histórico na formação da sociedade brasileira (...). A criança negra que chega à escola, oriunda de um grupo familiar, estruturalmente frágil e que encerra em si mesmo todas as condições de uma sociedade desigual, já tem comprometida sua estrutura psicológica e emocional (pelas precárias condições de vida que lhe é determinada). Este pro-

cesso é fortalecido através de um conjunto de normas e valores claramente racistas que permeiam a prática social e que são transmitidos por todos os canais de educação formal e informal, sistemática ou assistematicamente à criança negra sendo negadas as mínimas possibilidades de desenvolver a sua personalidade equilibrada e integralmente, pois, ao chegar à escola, lhe é imposto o mundo histórico-cultural do branco, marcado por estereótipos que desfiguram a ela e à cultura de sua raça, gerando, assim, um sentimento de identidade, insegurança e negação do próprio eu."

A discussão destes pontos e efetivação do trabalho foi possível a partir do engajamento de militantes do CCN em instituições educacionais, como a Coordenação de Ensino de 1º grau da rede oficial do Estado, em estabelecimentos de ensino da rede particular, na Universidade Federal do Maranhão e no Colégio Universitário. Em 1982, para a III Semana do Negro, foi elaborado um extenso programa dirigido a alunos, professores e administradores da rede de ensino público e particular. Com a penetração desse programa nas escolas, foi possível sentir realmente a reação dos professores obrigados, então, a tomar conhecimento das questões que estavam sendo discutidas. O professor negro, por exemplo, foi levado a se posicionar e a se assumir enquanto negro. Este trabalho passou a ser desenvolvido regularmente nas escolas, por ocasião das Semanas do Negro. Em 1984, além do programa de educação formal, através de palestras e reuniões com professores, alunos e administradores, o Centro de Cultura Negra voltou-se para a questão cultural, surgindo, assim, com a 3ª diretoria, o Bloco Afro-Maranhense Akomabu (que no dialeto ewe, originário do Daomé, hoje Benin, significa — *naõ deixar a cultura morrer*) tornando-se o elo de ligação entre o CCN e a comunidade. Neste mesmo ano, o Bloco saiu pela primeira vez nas ruas durante o Carnaval com 32 componentes, ocasião em que as músicas, a dança e o colorido chamaram a atenção das pessoas da cidade. Nos anos subsequentes, houve um aumento do número de componentes, independentemente da cor da pele tornando-se, assim, um bloco plurirracial.

A criação do Bloco Akomabu atraiu outros negros para o Centro de Cultura Negra. Em 1985, surgiu, após a realização da I Oficina de Dança Afro, orientada por dançarinos baianos a convite do próprio CCN, o Grupo de Dança Abanjá formado praticamente por mulheres do CCN.

Em dezembro de 1985, finalmente, obtivemos da Prefeitura Municipal a sede para a entidade, um prédio onde outrora funcionou um dos mercados de escravos de São Luís. O primeiro contato da diretoria do CCN no bairro dos Barés, onde está sediado, foi com a União de Moradores, local em que funcionava uma escolinha municipal de 1º grau (1ª a 4ª série), em péssimas condições. Um dos problemas que a União de Moradores almejava resolver era a melhoria das condições de ensino da escolinha que acabou, por insistência das professoras, sendo transferida para as dependências do prédio do CCN onde há cinco

salas de aula, uma secretaria e uma ampla área livre para as atividades culturais. Desta maneira, garantiu-se às crianças e às professoras, pagas pelo município, um espaço físico decente para o ano letivo de 1986.

Com a aquisição da sede, o CCN começou a planejar suas atividades com o apoio de seus departamentos tendo sido efetivados três convênios:

1. com a Fundação Educar — para realização do curso de alfabetização de adultos na faixa etária de 15 anos em diante, no horário noturno. Neste curso são atendidos 25 alunos, na maioria negros, com a orientação de dois professores;
2. com a Fundação Legião Brasileira de Assistência — LBA;
3. com a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor — FUNABEM.

Com ambas foram realizados convênios de cooperação técnica para instalação de oficinas, sendo elas:

- *Marcenaria*
Instrutores: Ivan Rodrigues e George dos Anjos
Total de alunos: 25
Sexo: masculino de 10 a 15 anos
Horário: 8:00 às 12:00 hs.
Dias: 3ª, 5ª e sábados.
- *Roupas Artesanais*
Instrutores: Célia Sampaio e Maria do Carmo Menezes
Total de alunos: 25
Sexo: feminino de 15 anos em diante
Horário: 14:00 às 18:00 hs.
Dias: 3ª, 5ª e sábados.
- *Dança Afro*
Instrutores: Marta Andrade e Joana Algarves
Total de alunos: 25
Sexo: feminino e masculino de 10 a 15 anos
Horário: 16:00 às 20:00 hs.
Dias: 3ª, 5ª feiras.
- *Crochê*
Instrutores: Maria Raimunda Palavra e Dulcilene de Araujo
Total de alunos: 25
Sexo: feminino de 12 anos em diante
Horário: 14:00 às 16:00 hs.
Dias: 3ª, 5ª e 6ª feiras
- *Pintura*
Instrutor: Ivan Rodrigues
Total de alunos: 15
Sexo: feminino e masculino de 12 anos em diante
Horário: 8:00 às 11:00 hs.
Dias: sábado.
- *Capoeira*
Instrutores: Nilton Pastor e Evandro Costa
Total de alunos: 15
Sexo: masculino de 10 a 23 anos
Horário: 18:00 às 21:00 hs.
Dias: 2ª, 5ª e sábados.

Os instrutores requisitados são todos militantes do CCN, qualificados para as referidas áreas, e que



na ocasião estavam desempregados. Todas essas atividades deram vida à entidade, que já ocupa um espaço na comunidade, provocando, inclusive, modificações no comportamento de moradores do local que passaram a freqüentar o CCN para ouvir música, assistir palestras, peças de teatro, enfim, participar de um novo contexto sócio-cultural e político. A presença de muitos jovens, por sua vez, estimulou a criação de um time de futebol do CCN, a Associação Atlética do Centro de Cultura Negra A.A.C.C.N., formado por militantes e simpatizantes, que passou a fazer parte do grupo de esporte amador local. Além do time de futebol, foi criado o Grupo de Mulheres Negras Mãe Andreza¹, que trabalha com uma questão específica do Movimento Negro — a discriminação e opressão que a mulher negra sofre no seu cotidiano.

O crescimento do Centro de Cultura Negra ocorreu basicamente a partir das atividades culturais, da ocupação de um espaço da comunidade local, do aumento dos militantes. No ano de 1985-1986 o CCN desenvolveu uma série de atividades culturais abrindo, assim, uma oportunidade para colocar a sua mensagem.

Em 1985 foram realizadas as seguintes atividades: oficina de dança afro; noite do som afro-maranhense; e seminário interno sobre militância. Em 1986: noite do som afro-maranhense; noite da beleza negra de São Luís; lançamento do disco do bloco afro Akomabu; lançamento do jornal da imprensa negra de São Luís, o jornal *Akomabu*; oficina de dança afro; seminário interno sobre militância; e a semana do negro no Maranhão.

Quanto à participação política: nós, que estamos no CCN, nunca levamos o partido para a entidade, pois sabemos muito bem que quando isto ocorrer o nosso trabalho estará comprometido com ideologias que, na maioria das vezes, não encampam nossas propostas. Temos que saber separar a entidade dos partidos. No CCN há pessoas de vários partidos mas que entendem a importância desta desvinculação.

Hoje, lutamos para a modificação das relações interpessoais, combatendo as formas de racismo, buscamos uma sociedade democrática e mais humana, principalmente, porque vivemos num país plurirracial. As diferenças existem, e temos que aprender a conviver com elas tendo certeza que podemos discutir politicamente e de forma coerente estes objetivos.

1 Andreza: nome de uma importante *nochê*, ialorixá, da Casa das Minas — MA.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- SOUZA, C.L.V. Uma experiência com movimento social — Centro de Cultura Negra do Maranhão. *Estudos Afro-Asiáticos*. Rio de Janeiro (8/9):42-3, 1983.